



PLANTAS TÓXICAS NAS ESCOLAS: PROJETO DE EXTENSÃO COM FUTUROS PROFISSIONAIS EDUCADORES

Ellen Tatiana Santos de Andrade¹, Guilherme Lima Costa², Nyanne Leal do Monte³, Saulo Rios Mariz⁴

- (1) *Discente de Medicina e Integrante do Pet Conexões de saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande. ellenandrade-@hotmail.com;*
- (2) *Discente de Medicina e Integrante do Pet Conexões de saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande. guilhermelimacosta@hotmail.com;*
- (3) *Discente de Enfermagem e Integrante do Pet Conexões de saberes Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande. nyannelealm@gmail.com;*
- (4) *Prof. Dr. dos cursos de Enfermagem e Medicina e Tutor do Pet Fitoterapia da Universidade Federal de Campina Grande. sjmariz22@hotmail.com.*

RESUMO

Diante das vivências nas atividades de extensão desenvolvidas pelo Programa de Educação Tutorial – PET – Fitoterapia, foi observado um déficit no conhecimento sobre plantas tóxicas por parte dos alunos das escolas municipais, onde as atividades foram realizadas e, até mesmo, por parte dos profissionais das escolas. A importância de um projeto de extensão com esse tema reside na necessidade de criação de espaços de comunicação em alguns diferentes cursos da universidade com o objetivo de capacitação de futuros profissionais educadores, a partir de informações existentes sobre o tema em questão bem como na importância da realização de medidas preventivas. Destaca-se ainda a importância de retratar a realidade do perigo a partir da exposição descontrolada de plantas tóxicas que podem causar reações adversas riscos por sua superdosagem. A atividade foi realizada a partir da metodologia da pesquisa-ação, caracterizada como um tipo de pesquisa social realizada em associação com a resolução de um problema coletivo. Essa metodologia mostra-se eficaz aplicada para uma melhor formação profissional inclusive em projetos de extensões universitárias. A atividade teve como público alvo, de modo direto, os universitários que matriculados no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no campus de Campina Grande/PB. Em discussões desenvolvidas durante a ação extensionista, os participantes foram convidados a simular métodos dos quais poderiam lançar mão na sala de aula para o ensino de crianças, visando prevenção de intoxicações. Uma das estratégias de ensino mais citadas durante as simulações foi a realização de abordagens lúdicas, onde as crianças são inseridas em situações divertidas e prazerosas, potencializando o aprendizado através de encenações, jogos educativos e dinâmicas grupais, por exemplo. Também foi sugerida a participação dos pais em sala de aula para a construção compartilhada do saber preventivista. Os petianos e participantes foram beneficiados com uma formação de qualidade no que se refere a temática abordada, sendo melhor preparados para as demandas que existem na realidade de trabalho em escolas e institutos de educação. Espera-se, com isso, contribuir para melhorar o trabalho futuramente desenvolvido por estes discentes, seja no serviço privado ou público, beneficiando, também, as populações.

Palavras-chave: “Intoxicação”, “Plantas”, “Educação em saúde”.



INTRODUÇÃO

As plantas tóxicas são assim denominadas por apresentarem substâncias biodisponíveis capazes de causar alterações metabólicas, tais alterações são reconhecidas como sintomas de intoxicação, que em alguns casos podem causar sérios transtornos e até mesmo levar a óbito. No Brasil, a cada dez casos de intoxicação por plantas, seis ocorrem em crianças menores de nove anos, devido à presença comum em ambientes públicos, inclusive escolas (BOCHNER, 2006; TOKARNIA *et al.*, 2000; PESSOAS *et al.*, 2013; FRANÇA *et al.*, 2008).

As plantas tóxicas possuem substâncias que, por suas propriedades naturais, físicas, químicas ou físico-químicas, alteram o conjunto funcional-orgânico em vista de sua incompatibilidade vital, conduzindo o organismo vivo a reações biológicas diversas. O grau de toxicidade depende da dosagem e do indivíduo, embora haja substâncias tóxicas que, em dosagens mínimas, entram na composição de vários remédios. Para Pinillos *et al.* (2003), a cultura e a desinformação da população, além da quantidade ingerida pelo acidentado são fatores que dificultam o diagnóstico e o tratamento em casos de envenenamento por plantas tóxicas (STASI *et al.*, 2012; MARTINS *et al.*, 2005).

No Brasil em 2010, de acordo com o SINITOX – Sistema Nacional de Informação Tóxico-Farmacológica, 70% dos casos notificados de intoxicação por plantas aconteceram entre as crianças de até 14 anos. A realidade da região Nordeste é um pouco diferente, pois esse número cai para 53%. Isso pode estar acontecendo em virtude de casos subdiagnosticados e/ou subnotificados (CAVALINI *et al.*, 2005; SINITOX, 2002).

A importância de um projeto de extensão com esse tema reside na necessidade de criação de espaços de comunicação em alguns diferentes cursos da universidade com o objetivo de capacitação de futuros profissionais educadores, a partir de informações existentes sobre o tema em questão bem como na importância da realização de medidas preventivas. Destaca-se ainda a importância de retratar a realidade do perigo a partir da exposição descontrolada de plantas tóxicas que podem causar reações adversas riscos por sua superdosagem (OLIVEIRA, GODOY e COSTA, 2006; PINILLOS *et al.*, 2003).

O ambiente escolar, por concentrar crianças da faixa etária de maior risco para essas intoxicações, permite estabelecer duas estratégias de prevenção: criar um espaço livre de



plantas tóxicas e/ou dominar as informações necessárias para utilizar essas plantas como instrumento de educação e formação.

Diante das vivências nas atividades de extensão desenvolvidas pelo Programa de Educação Tutorial – PET – Fitoterapia, foi observado um déficit no conhecimento sobre plantas tóxicas por parte dos alunos das escolas municipais, onde as atividades foram realizadas e, até mesmo, por parte dos profissionais das escolas.

Verifica-se, então, a relevância do ambiente escolar em atividades de prevenção.

A escola é um espaço estratégico para qualquer ação preventiva baseada em educação, pois lá a criança ou jovem passa boa parte do seu tempo diário e encontra-se aberta ao novo, ao aprendizado. Os educadores podem atuar como importantes agentes. O processo educativo é dependente de inúmeros fatores, porém a ação do profissional educador é um dos mais importantes.

Os objetivos da extensão foi aprimorar a formação acadêmica dos alunos (as), constituindo-se como um espaço de integração e exercício prático-intelectual, tanto para os cursos de graduação do PET FITOTERAPIA, quanto para o curso de pedagogia; capacitar para o campo profissional, já que a atividade está voltada para alunos do último período do curso de graduação em pedagogia; e desenvolver ações curriculares complementares previstas no projeto político-pedagógico dos cursos, a exemplo de projetos de pesquisa e de extensão.

METODOLOGIA

A atividade foi realizada a partir da metodologia da pesquisa-ação, caracterizada como um tipo de pesquisa social realizada em associação com a resolução de um problema coletivo. Essa metodologia mostra-se eficaz aplicada para uma melhor formação profissional inclusive em projetos de extensões universitárias.

A atividade teve como público alvo, de modo direto, os universitários que matriculados no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no campus de Campina Grande/PB.

Inicialmente foi realizada a divulgação da atividade nas salas de aula e na coordenação do curso de pedagogia, também divulgada por meio digital (*e-mail*) e nas redes sociais. Logo em seguida, foi aberto um período de inscrição para participar das capacitações.

As oficinas planejadas foram desenvolvidas em 12 horas de atividades ao final. Sendo ofertadas duas opções de horários, a fim de melhor adequar a atividade ao público: as atividades do grupo 1 foram realizadas nas quintas



e/ou sextas no turno da tarde (totalizando 4 encontros de 3 horas cada, dias 07, 08, 15 e 22 de maio) e as atividades do grupo 2 foram realizadas nos sábados pela manhã (totalizando 3 encontros de 4 horas, dias 09, 16 e 23 de maio), de acordo com a maior disponibilidade dos discentes do curso.

Em ambos os grupos, a abertura da atividade foi realizada com uma introdução para compreensão do objetivo da ação extensionista, apresentando-se o Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes Fitoterapia e a equipe que fez parte da organização, o caráter permanente desta atividade (segue em sua 3ª edição em 2015), além de realizar a avaliação inicial.

As oficinas receberam os títulos temáticos que seguem listados: “Uma Breve introdução: Por que preciso saber sobre plantas?”, “Atenção à Saúde da Criança: Desenvolvimento orgânico; Estatuto da Criança e do adolescente; Importância da Família; Brincando de Brincadeiras; Crianças Especiais; Saúde na Escola; Segurança na Escola”, “Desenvolvimento Cognitivo da Criança e do Adolescente: O Crescer segundo Freud; Sullivan; Piaget e Winnicost; Relação com acidentes na infância e adolescência”, “Plantas medicinais e Fitoterápicos: Orientação para multiplicadores na promoção do uso racional”, “O Educar em interface com o cuidar: Estratégias de ensino em sala de aula”, “Plantas tóxicas Vs. Plantas Ornamentais Vs. Plantas Mediciniais (Uso recreacional, abortivo, efeito teratogênico, interação medicamentosa)”, “Intoxicação por plantas: as dez plantas ornamentais tóxicas mais comuns na Paraíba”, “Como reconhecer um quadro de Intoxicação e revertê-lo”, “Principais Acidentes no Ambiente Escolar e como Proceder no Momento do Acidente”.

Foram apresentados conceitos importantes relacionados às plantas medicinais, medicamentos fitoterápicos e plantas tóxicas e ornamentais, além de estratégias de ensino para sala de aula e de prevenção de acidentes nas escolas. Seguiu-se com a participação dos estudantes ao realizar simulações de como abordar as temáticas acima citadas com diferentes tipos de alunos e debates sobre como promover os primeiros socorros após acidentes ainda no ambiente escolar.

Foi exposto sobre como identificar um quadro de intoxicação e como proceder diante do mesmo, além das plantas tóxicas mais encontradas na região paraíba/nordeste, alertando sobre os possíveis efeitos que as mesmas podem causar principalmente sendo usadas sem orientação médica. Foram trabalhadas as possibilidades de socorro à crianças e adolescentes intoxicados por plantas enquanto prioridade, embora



tenha se discutido o socorro às vítimas de acidentes com fogo, eletricidade, hemorragias de variados tipos, fraturas, quedas, etc.

Lançou-se mão de abordagem com recursos áudio visuais, através de fotos e vídeos. Foram levadas fotos de plantas tóxicas para que os pedagogos em formação para que reconheçam quais as espécies que são mais prevalentes e seus possíveis efeitos.

Um último encontro serviu para avaliar o aprendizado dos participantes através de dinâmicas, além do encerramento do curso propriamente dito. Foi realizada uma avaliação diagnóstica antes e após a execução do projeto e uma formativa durante todo o processo. Na avaliação diagnóstica os alunos participantes responderam a um questionário semiestruturado com questões abertas sobre a temática, a fim de comparar o conhecimento dos estudantes de pedagogia sobre a intoxicação antes e depois das palestras. Já na avaliação formativa, os alunos responderam anonimamente algumas perguntas sobre o desenvolver das capacitações, apresentando os pontos positivos e negativos das mesmas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram alcançados os objetivos esperados durante a realização da extensão universitária. Surgiu interesse por parte do público. Dúvidas foram esclarecidas de forma simples e objetiva, nas oficinas, os temas também causaram grande entusiasmo aos participantes.

Um total de 29 discentes de pedagogia, divididos em 2 grupos em diferentes horários, participaram da formação. Do total, 89% eram mulheres. A média de idade foi de 23 anos, 92% não possuíam outra formação, 8% dos participantes já haviam trabalhado como profissionais de saúde e 86% nunca haviam participado de programas institucionais (PIBID, PIBIC, Probex, etc.).

Ao início da atividade 39% dos participantes souberam diferenciar, de maneira básica, plantas medicinais, plantas tóxicas e plantas ornamentais corretamente, 41% descreveram “intoxicação” de maneira satisfatória, 60% não conheciam qualquer planta tóxica. Entre aqueles que citaram alguma planta tóxica, apenas 18% citaram corretamente plantas como “comigo-ninguém-pode” e “urtiga”. Ainda, apenas 12% dos participantes citaram sinais ou sintomas de intoxicação corretamente, a exemplo de vômito e vermelhidão, antes de debater estes temas nas oficinas. Quanto à maneira de proceder em caso de intoxicação na escola, a primeira atitude seria tentar resolver na própria



instituição, comunicando ao diretor da escola ou responsável pela criança.

Após a segunda avaliação, realizada ao se concluir as oficinas propostas, 100% dos participantes diferenciaram corretamente plantas medicinais, plantas tóxicas e plantas ornamentais. Também, todos descreveram “intoxicação” de maneira satisfatória e souberam citar pelo menos duas das plantas tóxicas que haviam sido trabalhadas nas oficinas. Enjoo (100%), Vômito (100%), Prurido ou “Coceira” (96%), Irritação da pele (90%), Queimação no Estômago (91%) e Diarreia (91%) foram os sintomas de intoxicação mais citados.

Quanto à maneira de proceder em caso de intoxicação, 96% dos discentes concordaram que a melhor atitude é, além de comunicar à direção da escola e responsáveis pela criança, levar a criança à um hospital, em busca de atendimento especializado e capacitado, além de acionar equipes móveis de atendimento de urgência e emergência e Ceatox do município. Este dado reflete que a capacitação obteve sucesso em orientar/instruir os participantes a agirem em situações adversas envolvendo intoxicação por plantas com ação tóxica.

Em discussões desenvolvidas durante a ação extensionista, os participantes foram convidados a simular métodos dos quais poderiam lançar mão na sala de aula para o ensino de crianças, visando prevenção de intoxicações. Uma das estratégias de ensino mais citadas durante as simulações foi a realização de abordagens lúdicas, onde as crianças são inseridas em situações divertidas e prazerosas, potencializando o aprendizado através de encenações, jogos educativos e dinâmicas grupais, por exemplo. Também foi sugerida a participação dos pais em sala de aula para a construção compartilhada do saber prevencionista.

Outra abordagem proposta foi a diferenciação tátil e visual entre plantas tóxicas, plantas não tóxicas e vegetais que normalmente são consumidos na alimentação cotidiana das crianças (leguminosas, condimentos, frutas), além da exposição aos riscos relacionados ao contato com intoxicantes.

CONCLUSÃO

Os petianos e participantes foram beneficiados com uma formação de qualidade no que se refere a temática abordada, sendo melhor preparados para as demandas que existem na realidade de trabalho em escolas e institutos de educação. Espera-se, com isso, contribuir para melhorar o trabalho futuramente desenvolvido por estes discentes, seja no serviço privado ou público, beneficiando, também, as populações.



REFERÊNCIAS

BOCHNER, Rosany et al. Perfil das intoxicações em adolescentes no Brasil no período de 1999 a 2001. 2006.

CAVALINI, Marcelle et al. Serviço de informações sobre plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, v. 2, n. 2, 2005.

FRANÇA, Inácia Sátiro Xavier de et al. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 61, n. 2, 2008.

Fundação Oswaldo Cruz/Centro de Informação Científica e Tecnológica/Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (FIOCRUZ/CICT/SINITOX). Estatística Anual de Casos de Intoxicação e Envenenamento. Brasil, 2000. Rio de Janeiro, p.19-38.2002

MARTINS, A. G.; ROSÁRIO, D. L. BARROS, M. N.; JARDIM, M. A. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da ilha do Combu, município de Belém, Estado do Pará, Brasil. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro, 86 (1): 21-30.2005.

OLIVEIRA, R. B; GODOY, S. A. P.; COSTA, F. B. Plantas tóxicas: conhecimento para a prevenção de acidentes. Ed. Holos. 64 pp.2006.

PESSOA, Clarice RM; MEDEIROS, Rosane MT; RIET-CORREA, Franklin. Importância econômica, epidemiologia e controle das intoxicações por plantas no Brasil. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 33, n. 6, p. 752-758, 2013.

PINILLOS, M. A; GÓMEZ, J.; ELIZALDE, J. et al..Intoxicacion por alimentos, plantas y setas. *Anales Sin San Navarra*. 26 (1):243-263.2003.

STASIL,C. di ; Hiruma-Lima,C.A.Plantas Mediciniais na Amazônia e na Mata Atlântica- 2ª edição. Editora UNESP, São Paulo. 604 pp.2002



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

TOKARNIA, C. H.; DOBEREINER, J.; PEIXOTO, P. V. Plantas tóxicas do Brasil. Editora Helianthus, Rio de Janeiro. 310p.2000.